

Ludismo verbal e metalinguagem em *Um barco em meu nome*, de Gloria Kirinus

Edilson Alves de Souza¹
 Vanessa Gomes Franca²

Resumo: Na cena contemporânea da literatura de recepção infantil e juvenil, muitas e constantes têm sido as transformações ocorridas nos procedimentos de produção, recepção e circulação de obras. No que diz respeito às configurações estéticas, não são raros os casos em que os escritores, em suas criações, escolhem adotar estratégias discursivas em que se faz presente a autoconsciência textual. Na bibliografia da escritora Gloria Kirinus há diversos exemplares que recorrem a esse expediente, especialmente por meio da autorreflexividade, do ludismo verbal e da metalinguagem, como acontece em *Um barco em meu nome* (2012). É diante disso que, a partir de um estudo bibliográfico, propomos uma leitura do referido livro da autora, com o objetivo de compreender como nele comparecem os procedimentos metalinguístico-literários e de que maneira a eles se associa um componente humano que liga a utilização de certos artifícios escriturísticos a formas de representação e autodescoberta da infância. Nossas reflexões estão baseadas em autores como Chalhub (1986), Coelho (2000), Félix e Franca (2018), Kirinus (2004, 2010, 2021), Koryrowski (2008), Lajolo e Zilberman (2007), Pignatari (2011), Souza (2016) e outros.

Palavras-chave: Ludismo verbal; Metalinguagem; *Um barco em meu nome*; Gloria Kirinus.

A literatura em geral, e a literatura infantojuvenil, em especial, destacam o universo da criança em contato com a palavra-brinquedo, com a palavra-livre, com a palavra-mistério. Todas capazes de desencadear forças ocultas da linguagem e provocarem **abracadabras** que transformem ocultos desejos em inventada realidade (Kirinus, 2011, p. 37).

Considerações iniciais

A metalinguagem é uma estratégia de construção textual que consiste basicamente em usar a linguagem para refletir sobre ela própria; isto é, a linguagem se torna objeto de consideração, de comentário (Chalhub, 1986). Um texto que faz uso desse tipo de expediente

¹ Professor na Universidade Federal do Amapá. Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1755-3803>. E-mail: edilson.paceros@unifap.br.

² Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Doutora em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, com pós-doutoramento pela Universidade Federal de Goiás. Mestra em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Licenciada em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal de Goiás. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8991-5060>. E-mail: francavg@hotmail.com.

discursivo geralmente demonstra consciência sobre seu próprio estatuto de construção linguística e por essa razão lança mão de uma série de recursos, como os jogos verbais, para sua constituição.

Se for possível rastrear, diacronicamente, a presença do signo metalinguístico, isto é, da autoconsciência textual, nas diferentes formas de expressão literária, encontraremos já em Homero – referimo-nos, aqui, particularmente, à *Odisseia* – traços da autorreflexividade linguística. Mais de dois milênios depois, a reflexão sobre a linguagem como parte dos procedimentos de composição, ou como tema, da representação que a literatura engendra acompanhou as metamorfoses das tendências estéticas da produção de arte e mantém-se viva. E a contemporaneidade tem se caracterizado pela recorrência, quase obsessiva, a esse modo de organização do discurso.

Nessa esteira, Nelly Novaes Coelho (2000, p. 162, grifos da autora em itálico; grifos nossos em negrito) chama a atenção para assunto ao mencionar que, entre as linhas que configuram o panorama da produção literária para crianças e jovens contemporâneo, está a “Linha dos Jogos Linguísticos”, sobre a qual comenta:

Essa linha abrange **livros que expressam claramente a consciência de que a escrita é um jogo criador** e estimulador das potencialidades do pequeno leitor[r]. Daí a **brincadeira inteligente que é criada entre as palavras, as ideias, as imagens**, etc., que leva o pequeno leitor/ouvinte a interagir com a história. Entram na construção desses jogos recursos da linguagem como a da *metalinguagem* [...] e de *intertextualidade* [...].

Diante da constatação de Coelho (2000), é importante destacar que a literatura infantil e juvenil brasileira, desde as obras de Monteiro Lobato, e de modo especial a partir do último quarto do século XX (Lajolo; Zilberman, 2007), tem se mostrado cada vez mais suscetível à absorção dessa “brincadeira” consciente e inteligente com as palavras. O adensamento da linguagem que essa estratégia discursiva provoca faz com que o texto adira um nível de complexidade maior, o que solicita do ou desenvolve no leitor uma consciência mais apurada sobre a língua durante o processo de leitura.

Um exemplo paradigmático dessa tendência é a obra *Um barco em meu nome* (2012), de Gloria Kirinus. O conteúdo do referido livro gira em torno da descoberta que Mário, um garotinho, faz sobre seu nome ao perceber que ele é formado pela aglutinação de duas

palavras: “mar” e “rio”. A decomposição feita pelo menino é o mote que impulsionará a discussão de uma série de aspectos da linguagem. E isso acontece a partir de uma abordagem lúdica das palavras, a começar pelo próprio nome de Mário, que produzirá um rico e instigante ambiente metalinguístico.

Diante das possibilidades interpretativas que o livro permite e de sua pertinência para o estudo da autorreflexividade textual na literatura para crianças e jovens, o presente trabalho o toma como objeto de estudo com a finalidade de verificar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, como o ludismo verbal e a metalinguagem nele comparecem. Antes, porém, de adentrarmos no mundo da autoconsciência ficcional de *Um barco em meu nome* (2012), é importante compreender o universo de onde ele se origina e ao qual ele pertence. À vista disso, na primeira seção deste artigo, dedicamo-nos brevemente à produção literária de Gloria Kirinus.

Sobre Gloria Kirinus

Gloria Mercedes Valdivia de Kirinus, nasceu em 1949, em Huacayo, cidade do Peru, país banhado pelo Oceano Pacífico. Na década de 1970, migrou-se para o Brasil, passando a morar em Curitiba, lado brasileiro banhado pelo Atlântico. Segundo a escritora, o Pacífico sempre foi o seu mar. A sua relação com o mar/água, transformou-se, em seu pós-doutorado em Sociologia, realizado na Université Paris Descartes, Sorbonne, em Maradigma, ou seja, um modo de percepção do mundo que nasce de uma profunda intuição eco-poética e que encerra em si a simbologia do mar.

Desde pequena, demonstra curiosidade pelas montanhas, pelas fronteiras, pelas palavras. “Quando menina, lá em Lima, ficava na ponta dos pés para espiar do outro lado das montanhas. Agora, morando deste lado da fronteira, tento espiar o que acontece nos países vizinhos” (Kirinus, 2004). Esse desejo de ver além das fronteiras, das montanhas e seu encantamento pelas palavras se refletem em sua formação. Em Lima, graduou-se em Turismo. No Brasil, cursou Letras (Universidade Federal do Paraná), Especialização em Literatura brasileira (Universidade Federal do Paraná), Mestrado em Letras (Pontifícia Universidade

Católica do Rio de Janeiro), Doutorado em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada (Universidade de São Paulo).

Peruana de nascimento e brasileira de renascimento, como afirma a própria escritora (Kirinus, 2021), Kirinus é professora, pesquisadora, tradutora, conferencista, lavra-palavreira. Também “é múltipla no que diz respeito aos gêneros literários com que escreve suas obras, somando mais de vinte títulos publicados. A autora possui livros literários de poesia, contos, crônicas, ‘carta-história’, dirigidos aos públicos infantojuvenil ou adulto, e críticos” (Félix; Franca, 2018, p. 343).

A sua estreia na literatura infantil e juvenil ocorre em 1985, com a publicação de *O sapato falador*, poema narrativo, dividido em cinco partes e escrito em redondilhas, eventualmente rimadas, em que é relatado, por meio do ponto de vista do personagem protagonista, as destruições e as perdas causadas por uma chuva que virou enchente no sul do Brasil. Nesse livro sensível, tendo como base a dura realidade vivida pelo personagem e a magia dos sapatos faladores (o Direito e o Esquerdo), suscita-se a reflexão sobre solidariedade, direitos e igualdade.

Também é a partir do seu desejo de ver além das fronteiras que surgem as obras bilíngues da autora. Estas nascem de uma conversa com Ferreira Gullar, na qual a autora lhe revela sua aflição ao olhar sua língua materna e se sentir sem identidade linguística. O poeta, então, a aconselha a aproveitar “toda a força do espanhol e dos seus poetas peruanos a favor de sua escrita em português” (Gullar *apud* Kirinus, 2010). Consoante a escritora, após tal encontro, começou sua vontade de “traduzir traduzindo-me”, o que resultou na publicação de textos bilíngues, em português e em espanhol. Dentre tais livros, destacam-se: *Tartalira / Tortulira* (1997); *Sete quedas, sete anões e um dragão / Siete cascadas, siete enanos y un dragón* (1997); *O galo cantou por engano / El gallo cantó equivocado* (1997); *Quando as montanhas conversam / Cuando los cerros conversan* (1998); *Se tivesse tempo / Si tuviera tempo* (2000); *Lâmpada de Lua / Lámpara de Luna* (2001); *Te conto que me contaram / Te cuento que me contaron* (2004); *Quando chove a cântaros / Cuando llueve a cântaros* (2005).

Da sua curiosidade pelas palavras, que como vimos a acompanha desde sua infância, nasce a oficina de escrita poética *Lavra-Palavra*, em que vemos expresso seu pensamento

[...] sobre as indissociáveis relações entre poesia e vida, linguagem e mundo, ser poeta e ser homem. Na oficina *Lavra-Palavra*, o participante é (re)conduzido a percepção da potência da utilização das palavras no cotidiano e de como essa potencialidade reverbera dentro do poema (Souza, 2016, p. 10, grifo do autor).

Poeta da escrita, escritora poética ou lavra-palavreira, Kirinus transforma seu encantamento pelas palavras em um mar, no qual navega pela metalinguagem, pelo jogo com as palavras (grafia, significados, sons), pela intertextualidade no reconto de fábulas, dos mitos, dos contos de fadas. Desse modo, nos textos kirinusianos, a linguagem ganha um espaço privilegiado e cria uma série de tensões que desvelam suas potencialidades diante do processo de criação artístico-literária. Esses aspectos configuram uma estratégia discursiva que busca mimetizar a forma lúdica por meio da qual o imaginário infantil lida com as possibilidades da língua ao mesmo tempo em que explora a vitalidade poética (da expressão linguística) inerente à natureza mitopoética do homem.

Como exemplo desse trabalho da autora com a linguagem, podemos citar as obras *Um barco em meu nome* (2012), objeto de estudo no próximo tópico, *Um sol em meu nome* (2014) e *Um antônimo em meu nome* (2018), com ilustrações da designer gráfica Eliana Delarissa, que fazem parte da Coleção Arteletra, da editora Paulus. Em tais livros, que apresentam um enredo e uma estratégia de construção literária bastante semelhantes, a partir dos nomes das personagens infantis (Mário, Carlos e Antônio) e da criatividade e da curiosidade próprias das crianças, a autora brinca de mudar letras de lugar e de substituí-las, resultando, desse jogo, novas palavras. Nessa tríade, a linguagem e, de modo particular, a formação das palavras se torna tema central do texto e juntas fazem da autorreferencialidade típica da metalinguagem, em que o código comenta e faz refletir sobre si mesmo, um caminho para a representação do processo de descoberta do mundo das palavras. As estratégias discursivas mobilizadas em *Um barco em meu nome* (2012) se assentam sobre as tensões provocadas por esse ambiente autorreflexivo e é a exploração dele que nos dedicamos a seguir.

Ludismo verbal e metalinguagem em *Um barco em meu nome*

Como representante da tendência metalinguística que perpassa a obra da escritora Gloria Kirinus, o livro *Um barco em meu nome* (Figura 1) traz um enredo intrigante que se desenvolve a partir das constatações e indagações que um menino, chamado Mário, faz em torno de seu nome.



Fig 1 Capa do livro *Um barco em meu nome*. Fonte: Kirinus (2012, capa).

Mário percebeu que seu nome era composto pela aglutinação de duas palavras: “mar” e “rio”, como constata a voz narradora: “Mário sabia que o mar morava em seu nome. Mário sabia que em seu nome morava o rio” (Kirinus, 2012, p. 5). Diante da descoberta, resolveu perguntar seus pais, “só pra confirmar: – Mãe, no meu nome mora o mar? Pai, no meu nome mora o rio?” (Kirinus, 2012, p. 5). Desse momento em diante, o leitor entra em contato com o diálogo estabelecido entre Mário, seu pai e sua mãe no qual o menino explorará diversos tipos de associações que o encontro entre as palavras “mar” e “rio” em “Mário” provoca. Assim, do início ao fim, veremos ser criada uma atmosfera metalinguística pela constante recorrência ao

ludismo verbal proporcionado pelas características morfológicas e pelas variações semânticas das palavras que compõem o nome Mário.

Um dos primeiros aspectos que chamam a atenção é o fato de a voz narradora dizer que tanto o mar quanto o rio **moravam** no nome de Mário. A escolha do verbo “morar” para evidenciar a presença das palavras “mar” e “rio” no vocábulo “Mário” faz com que ambas, no texto, deixem de ser referidas apenas como morfemas, isto é, como unidades mórficas de formam “Mário”, e passem a significar aquilo que geralmente elas representam de acordo com a classificação hidrográfica (porção de água de dada extensão). Além disso, vemos este último sentido também ser ampliado quando, logo em seguida, o menino afirma: “No meu nome mar e rio são amigos” (Kirinus, 2012, p. 6). Ao tratar esse encontro entre palavras – que, na verdade, é um exemplo de composição por justaposição – como uma **amizade** entre palavras e águas, a elas são atribuídas qualidades que comumente descrevem um tipo de relação de afetuosidade humana.

Como se percebe, o jogo linguístico a que o substantivo próprio “Mário” é submetido, devido a analogia identificada entre suas letras e fonemas e aquelas dos substantivos “mar” e “rio”, é um caso de paronomásia. A paronomásia, conforme Décio Pignatari (2011, p. 17), “é uma semelhança entre significantes” e “permite o trocadilho e a poesia (junto com a metáfora)”. Percebemos, com isso, que Gloria Kirinus explora com argúcia e sensibilidade poéticas as possibilidades morfológicas, fonéticas e semânticas que língua oferece. Da mesma forma, verificamos que a maneira como as figuras de linguagem se consubstanciam intensifica a força metafórica de *Um barco em meu nome*.

Isso é perceptível, e expandido, quando Mário, dando continuidade ao diálogo com seus pais, recupera as propriedades hidrográficas do mar e do rio e as insere dentro da brincadeira que faz com seu nome: “– Mãe, o mar é salgado? – Pai, o rio é doce?” (Kirinus, 2012, p. 8). O salgado do mar e doce do rio são características que descrevem esses dois recursos aquáticos que fazem parte da natureza, do ecossistema. Entretanto, salgado e doce são, ao mesmo tempo, atributos de sabor que podem ser aplicados a outras coisas, como alimentos, por exemplo. Esses dois sentidos possíveis, o de apanágio e o de sabor, são aproveitados e mesclados na seguinte fala de Mário: “No meu nome, sal e açúcar são amigos” (Kirinus, 2012, p. 11). No paralelismo que há entre esta e outra fala anterior do menino, é notável não apenas a similaridade na estrutura sintática da oração, mas igualmente na

recorrência à prosopopeia. A prosopopeia, ou personificação, como também é conhecida, “consiste em dar vida a seres inanimados” (Koryrowski, 2008, p. 64). No caso em questão, diferente do outro que se referia a recursos naturais (o mar e o rio), a amizade passa ser uma faculdade dos sabores, do salgado e do doce, e dos temperos, o sal e o açúcar, que levam a esses sabores.

Não podemos deixar de observar certo tom sinestésico que a afirmação “sal e açúcar são amigos” (Kirinus, 2012, p. 11) constrói. A combinação de sensações dessa sinestesia não restringe à palavra “Mário”, nome ao qual se destina essa declaração. Ela se dilata ao vocábulo amizade, podendo, inclusive, conotar os sabores (e dissabores?) que podem existir no tipo relação cultivada entre pessoas amigas.

Aos poucos, a cada página, o ludismo verbal presente em *Um barco em meu nome* dá forma à atmosfera metalinguística. A autorreflexividade daí resultante conduz o leitor, em diversos e distintos momentos, a dividir sua atenção entre a mensagem e o código que a constitui. Isso leva quem lê a refletir sobre como o texto está organizado e como os signos significam e são ressignificados na composição dos sentidos. É importante reparar que a metalinguagem, enquanto estratégia discursiva, encontra nas perguntas feitas por Mário, do começo ao fim do livro, fortes aliadas. Formas de representação da curiosidade infantil, são elas, as perguntas, que dinamizam as constatações e indagações que levam o menino à busca por desvendar os “enigmas” linguísticos que podem estar associados ao seu nome.

Mário continua a conversa com os pais. Assim o faz tratando de assuntos relacionados ao mar, ao rio e, mais especificamente, à água, que é o elemento que faz parte tanto de um como do outro. Ele questiona: “Mãe, o chuveiro é cachoeira? Pai, a torneira bebeu o rio?” (Kirinus, 2012, p. 12-13). Na pergunta feita ao pai, o menino personifica a torneira ao manifestar o desejo de saber se ela “**bebeu** o rio”. Esse tipo de prosopopeia, como vimos no caso do mar e do rio que **moravam** no nome de Mário, desautomatiza a leitura no que diz respeito ao reconhecimento da forma corrente/cotidiana de utilização da linguagem. Não obstante esse efeito, que pode, em alguma medida, manifestar uma preocupação com linguagem ao chamar a atenção para a maneira como o texto foi elaborado, o foco, como veremos a seguir, está na mensagem, na forma como o chuveiro e a torneira estão ligados a temas relacionados à vida doméstica.

Os pais do menino respondem: “– Filho, desliga o chuveiro! – Filho, fecha a torneira” (Kirinus, 2012, p. 14). E ele reage: “– Só um pouco, mãe! – Espera um pouco, pai!” (Kirinus, 2012, p. 14). É um trecho que apresenta como conteúdo uma correção dos hábitos domésticos de consumo de água – que pode mimetizar a rotina de muitos leitores de *Um barco em meu nome*. O mesmo acontece na cena a seguir, quando Mário sente vontade de pescar: “Deu vontade pescar com anzol na linha, neste mar de palavras, neste rio de letrinhas” (Kirinus, 2012, p. 16), e os pais retrucam: “– Filho, você já pescou em todos os mares. – E no rio amazonas todinho” (Kirinus, 2012, p. 19). O tom de reprimenda reforça a ideia de que, nessas passagens, a verossimilhança do fato literário, isto é, aquilo que foi enunciado, é o que estaria no centro da atenção do leitor. Ou seja, o que importa é mensagem e não o código.

De todo modo, ainda podemos perceber a presença da autorreflexividade por meio das expressões “mar de palavras” e “rio de letrinhas”, que juntas podem, por um lado, sinalizar para o detalhe de que vocábulo “Mário”, ou melhor, “Mar + rio”, é composto de palavras e letrinhas e, por outro, conotar a imensidão que são as flexões da linguagem, nas suas formações, funções e estruturas. Esses dois casos de metalinguagem são menos complexos que os anteriores – o que não quer dizer que são menos pertinentes. E esse aparente recuo da verve metalinguística abre esse espaço para o texto se aproximar de outros aspectos da vida de seu leitor, como aqueles em que ele precisa conviver com as admoestações, que, na sua maioria, são advindas de adultos. *Um barco em meu nome*, nesse sentido, dialoga com o imaginário e o universo daquele que o lê, o que também pode ser percebido no momento em que Mário esboça uma reação ao fato de os pais não terem o deixado pescar: “– Mãe, desliga o não! – Pai, liga o sim” (Kirinus, 2012, p. 20). Essa fala de Mário parece representar a teimosia de quem não aceita correção/restrrição.

A tensão criada pelo conflito, pela divergência entre a opinião dos pais e a do filho é amenizado na fala seguinte: “No meu nome, um rio de sim e um mar de não também são amigos” (Kirinus, 2012, p. 22). Nela, Mário demonstra certa resignação com o fato de, por vezes, receber um sim ou um não, ou seja, de, às vezes, ter seus desejos contrariados e vontades tolhidas. Verificamos nessa fala uma terceira recorrência àquela estrutura frasal em que o procedimento metafórico, acompanhado da prosopopeia sobre a amizade, descola o sentido literal das palavras em favor do sentido figurado. Nesse caso, as expressões “rio de sim” e “mar de não”, como diz o menino, são amigas e são semanticamente análogas a “mar

de palavras” e “rio de letrinhas”, quando a significação destas quer dizer imensidão, explorando os sentidos possíveis que a extensão hidrográfica característica do rio e do mar pode oferecer para a construção linguística desse enunciado.

É interessante verificar que, à medida que estrutura sintática se repete, a expressão “No meu nome”, que atua como uma espécie de anáfora, passa a ganhar um valor semântico mais profundo, posto que parece não se referir apenas ao nome “Mário” enquanto palavra, como deixam transparecer os jogos verbais. “No meu nome” também pode aludir ao menino, a Mário, como sujeito, o que pode justificar a presença constante da figura de linguagem da personificação, uma vez que as afirmações que se repetiam conotariam a formação de Mário enquanto pessoa humana. Assim, à autorreflexividade da linguagem é acrescentada outra, de matiz existencial, que ganha seus contornos por meio daquilo o menino pensa sobre si mesmo e do que é ensinado pelos pais, pelos sins e nãoos que fazem parte do “mar” e do “rio”, isto é, de Mário.

O cuidado do pai e da mãe para com seu filho é também mimetizado em *Um barco em meu nome*. Se ele não estava evidente nas reprimendas feitas a Mário, ele comparece de modo mais explícito na fala dos pais: “– Filho, cuidado com tanto mar! – Filho, cuidado com tanto rio!” (Kirinus, 2012, p. 24). O menino retribui o zelo parental demonstrando que possui maturidade: “Mãe, pai, vocês dois, desliguem o tal ‘cuidado’! Não vou me molhar, nem pegar resfriado” (Kirinus, 2012, p. 26). Essa forma pela qual ele mostra que já está crescido e que, por isso, não precisa de tanto cuidado, é sinal de que, a seu modo, possui consciência de si, de sua existência e da dinâmica social que o circunda, e que essa consciência parte também, como é possível verificar desde o início do livro, da necessidade de se ter uma visão crítica sobre como a linguagem pode se constituir não apenas um símbolo, uma representação da experiência humana, mas também um meio de construí-la (ou determiná-la).

Por essa razão, vemos nas páginas seguintes, que finalizam a obra de Gloria Kirinus, uma retomada com maior força do ludismo verbal e conseqüentemente dos expedientes metalinguísticos. Mário volta a tematizar a constituição de seu nome, desta vez, dirigindo-se de forma direta aos seus prováveis leitores: “Vocês notaram que não tenho água parada no meu nome? Sou Mário: tenho mar e tenho rio” (Kirinus, 2012, p. 29). A afirmação, em um primeiro instante, parece estranha. Porém, se notarmos, como o menino solicita, que tanto o mar como o rio são formações hidrográficas que também se caracterizam pelo movimento

constante, esse aspecto de ambos os recursos naturais fica mais claro e também passa a ser um atributo da palavra “Mário”. Essa propriedade ganha mais expressividade se lembrarmos que há formações aquáticas de águas mais tranquilas, paradas (o lago, por exemplo) que figuram no nome de pessoas, como no caso da escritora e ilustradora brasileira Ângela **Lago**.

É interessante verificar que o movimento e a vivacidade do mar e do rio imprimem um tom aventureiro, que muito bem pode representar e descrever Mário. Nesse sentido, essas características não pertencem apenas à constituição semântica do vocábulo “Mário”, como afirmamos acima. Aglutinando, mais uma vez, autorreflexão linguística e existencial, vemos os atributos do mar e do rio serem imputados a Mário, isto é, ao próprio menino que tem o mar e rio em seu nome ou, melhor dizendo, em seu modo de existir, como ele mesmo afirma, de forma ativa, em primeira pessoa: “Sou Mário: tenho mar e tenho rio” (Kirinus, 2012, p. 29).

Por fim, como acontece com os rios e, especialmente, com os mares, Mário (o nome e o menino) sentiu a força dos ventos: “E Mário sentiu um balanço nas letras do próprio nome. Algumas delas mudaram de lugar. Jogou o remo da palavra Mário de lado. Trocou duas letras de seu nome por duas novas. Então descobriu: Mãe, pai, **mora um barco em meu nome**” (Kirinus, 2012, p. 30-32, grifo nosso). O balanço das letras da palavra “Mário” provoca a alteração de duas delas, que podem ser identificadas quando, valendo-se do mesmo procedimento de figuração (a prosopopeia) e do mesmo verbo (morar) utilizados do início do livro, o menino diz que um **barco mora** em seu nome.

Ao se investigar o jogo estabelecido entre os vocábulos “Mário” e “barco”, é possível verificar que as letras às quais a voz narradora se refere, as que foram trocadas e as novas inseridas, são, respectivamente, **m** e **i** e **b** e **c**, em que, na palavra “barco”, **b** substitui **m** e **c** toma o lugar de **i**, transformando morfologicamente o substantivo “Mário”. No que diz respeito ao aspecto sonoro, a supressão da consoante **m** e da vogal **i** e a adição das consoantes **b** e **c**, considerando que influem na alteração dos fonemas do novo vocábulo formado (“barco”), não provocam uma mudança impactante. Isso se deve à presença assonante dos sons de /a/ e /o/, que sustentam, com a transformação de “Mário” em “barco”, a mesma posição tônica na palavra. Com o surgimento do barco, veículo de transporte usado geralmente em rios e mares, as camadas de sentido são ampliadas, pois o menino descobre

uma palavra que se associa ao seu nome pela proximidade da estrutura da palavra e do campo semântico.

Um barco em meu nome finaliza com a descoberta de Mário, que, depois de perceber o mar e o rio em seu nome, nota que uma pequena alteração morfológica, isto é, um balanço nas letras, um jogo verbal, pode fazer com que, no mesmo espaço do mar e do rio, habite um barco. O que acontece depois disso, fica à cargo da imaginação do leitor, que pode navegar nos rastros das águas e das reviravoltas linguísticas e existenciais que o livro imprimiu em sua memória como experiência de leitura.

Considerações finais

Diante da análise empreendida, fica evidente, em um primeiro momento, que o estudo da autorreflexividade é uma linha de investigação bastante fecunda. Ela possibilita o pesquisador adentrar o universo das intrincadas escolhas de composição textual, conscientes e nem tanto, feitas pelo autor. E assim compreender as diferentes relações que a mensagem e o código que a constitui podem estabelecer entre si no processo de construção de sentidos.

Um barco em meu nome, de Gloria Kirinus, traz uma representação possível do momento em que uma criança manifesta ter consciência do mundo de linguagem em que ela está inserida. E o ponto de partida é justamente o nome, um ente abstrato que geralmente é usado para a identificação das pessoas, ao mesmo tempo em que serve para individualizá-las socialmente. O nome, como vimos, foi utilizado como meio de representação da consciência linguística de Mário, mas não ficou restrito a isso. Ele também desvelou um outro tipo de consciência: a existencial, a da autodescoberta do menino enquanto sujeito.

O livro de Gloria Kirinus aborda esses temas por meio de uma linguagem simples, direta e metafórica, explorando a curiosidade, a criatividade e a inventividade infantis. Para tanto, sem subestimar a inteligência do leitor, se valeu do ludismo verbal e do expediente metalinguístico que o jogo de palavras ajuda a construir.

Ressaltamos, por fim, que nosso trabalho não pretendeu esgotar as possibilidades interpretativas da obra. Mas, sim, quis oferecer uma leitura de *Um barco em meu nome*, que pode evidenciar, inclusive, como concretamente a tendência da autorreflexiva na literatura

infantil e juvenil contemporânea tem se caracterizado. Se pudermos nos valer de uma das metáforas exploradas por Gloria Kirinus, diríamos que o presente ensaio é um regato, um pequeno rio, que pode desaguar no vasto mar de outras análises possíveis.

Referências

CHALHUB, S. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

FÉLIX, A. S. de S.; FRANCA, V. G. A produção literária de Gloria Kirinus: considerações sobre a obra Carta para El Niño. *Travessias Interativas*, São Cristóvão, n. 16, v. 8, p. 339-353, jul-dez/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/10295/7913>. Acesso em: 6 jul. 2024.

KIRINUS, G. Gloria Kirinus. *Gloria Kirinus*, [s. l.], c2024. Disponível em: <http://gloriakirinus.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2021.

KIRINUS, G. *Se tivesse tempo = Si tuviera tiempo*. Ilustrações: Ana Raquel. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

KIRINUS, G. *Synthomas de poesia na infância*. São Paulo: Paulinas, 2011.

KIRINUS, G. *Te conto que me contaram = Te cuento que me contaron*. Ilustrações: Fernando Cardoso. São Paulo: Cortez, 2004.

KIRINUS, G. *Um antônimo em meu nome*. Ilustrações: Eliana Delarissa. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Arteletra).

KIRINUS, G. *Um barco em meu nome*. Ilustrações: Eliana Delarissa. São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção Arteletra).

KIRINUS, G. *Um sol em meu nome*. Ilustrações: Eliana Delarissa. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Arteletra).

KORYROWSKI, I. *Manual do poeta*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PIGNATARI, D. *O que é comunicação poética*. 10. ed. Cotia: Ateliê, 2011.

SOUZA, E. A. de. Gloria Kirinus: o lavrar da escrita e a vitalidade poética. In: SEMINÁRIO DE LETRAS DA REGIÃO DA ESTRADA DE FERRO (SELREF): LÍNGUA(GEM) E

LITERATURA EM DEBATE; SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL (SENALIJ): HOMENAGEM À MARINA COLASANTI & GLORIA KIRINUS, 1., 2016, Pires do Rio. *Resumos* [...]. Pires do Rio: Curso de Letras da UEG – Câmpus Pires do Rio, 2016. p. 10.

Verbal luddism and metalanguage in *Um barco em meu nome*, de Gloria Kirinus

Abstract: In the contemporary scene of children's and young people's literature, there have been many and constant transformations in the procedures for production, reception and circulation of works. Concerning aesthetic configurations, it is not uncommon for writers, in their creations, to choose discursive strategies in which textual self-awareness is present. The bibliography of writer Gloria Kirinus is full of examples that use this method, especially through self-reflexivity, verbal playfulness and metalanguage, as happens in *Um barco em meu nome* (2012). It is considering this that, based on a bibliographical study, we propose a reading of the Kirinus' mentioned book, with the aim of understanding how metalinguistic-literary procedures appear in it and how a human component is associated with them that links the use of certain scriptural devices to forms of representation and self-discovery of childhood. Our reflections are based on authors such as Chalhub (1986), Coelho (2000), Félix and Franca (2018), Kirinus (2004, 2010, 2021), Koryrowski (2008), Lajolo and Zilberman (2007), Pignatari (2011), Souza (2016) and others.

Keywords: Verbal luddism; Metalanguage; *Um barco em meu nome*; Gloria Kirinus.

Recebido em: 16 de junho de 2024.

Aceito em: 11 de julho de 2024.